

a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO



VIVA O CARAÇA!

Colégio São Vicente celebra os
240 anos do santuário mineiro

Nossos ilustres colaboradores

Ao longo de toda a sua história, **A Chama** contou sempre com a talentosa e bem-vinda colaboração dos alunos do São Vicente. Seja escrevendo, ilustrando ou fotografando. Foi assim desde os primeiros números, com as caricaturas que Iuri Lioi fez dos padres Almeida e Horta; os desenhos de Danilo Lucas; as ilustrações de Marina Barrocas; depois as de Maria Paganelli,...até a atual edição, que conta com as excelentes fotos da aluna Marcela Almeida. Confirmam só como manda bem a moça.

Então, se você também quer fazer parte desta equipe é só se comunicar conosco e dizer como quer participar. Escreva para revistachama@csvp.g12.br.

Mande também seus comentários sobre as matérias, sugestões de pauta para a próxima edição e tudo o mais que faça a nossa **A Chama** brilhar cada vez mais forte.

Fale conosco! Participe!

CAPA: REUNIDOS COM PE. LAURO NA PORTA DA IGREJA N.S. MÃE DOS HOMENS, O GRUPO DO 3º ANO QUE FOI AO CARAÇA NA SEMANA SANTA, JUNTO COM GRAÇA E O INSPETOR LUCIANO. FOTO JOKA



sumário

- 2 APM**
Mais um biênio com a mesma direção
- 4 FÓRUM**
Alunas debatem feminismo em coletivo
- 6 PERFIL**
Os professores André Mucci e Luís Gauí
- 8 HOMENAGEM**
Caraça e São Vicente: Uma estreita relação
- 12 ONTEM E HOJE**
- 14 EX-ALUNOS**
Gustavo Guenzburger e o teatro político
- 16 COMO SE FAZ**
Compasso: integrando a comunidade vicentina
- Novidades nos laboratórios e salas de aula
- 20 AÇÃO PEDAGÓGICA**
Atualização do PPP chega ao fim
- 23 NOTAS**

editorial

No dia 3 de maio de 2015, a Associação de Pais e Mestres, a APM, completa 55 anos.

Somente um ano separa a criação do Colégio do surgimento da APM. Esta relação simbiótica, porém, de verdadeira vida em comum, começou antes da fundação do Colégio São Vicente de Paulo, quando alguns Pais contribuíram financeiramente, sem cobrança de juros, para a obra de edificação do prédio, assegurando vaga para o Filho e recebendo título de Sócio Fundador.

Desde o começo, a Associação trabalha em sintonia com o Colégio, adquirindo material e equipamento para as salas de aulas, livros para a biblioteca, organizando palestras, passeios e colaborando na Feira de Livros, financiando iniciativas do Grêmio estudantil e apoiando atividades dos estudantes. Subvencionamos bolsas de estudo, alimentação ou condução. Apoiamos atividades extraclasse, teatros, corais e eventos esportivos. E estivemos junto às Voluntárias da Caridade, que também completam 55 anos neste ano, apoiando-as nas atividades de assistência social.

As primeiras Festas Juninas foram organizadas pela APM e a renda proveniente era distribuída entre as Voluntárias da Caridade (à época Senhoras da Caridade), o Grêmio e a própria Associação. Uma curiosidade: a Festa Junina de 1963 teve 60% de sua renda doados para a PUC, por solicitação do senhor Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.

Já em 1968 a APM preocupava-se com o “Diálogo entre Pais e Filhos” e, em 1970, editou um livreto: “Como ajudar seu filho a estudar”. Também em 1970 realizou o primeiro Natal dos Funcionários. Participou da gestão, junto com o Colégio, para a compra de um terreno vizinho, onde hoje ficam as quadras e o ginásio, adquirido em 1971. A criação da revista da APM, A CHAMA, foi em 1973.

Pais ou responsáveis têm muito a comemorar nestes 55 anos de Associação de Pais e Mestres. Cinquenta e cinco anos construindo ombro a ombro uma parceria, dialogal, às vezes “trabalhosa e por isso mesmo muitíssimo produtiva” (Pe. Lauro Palú, A Chama, nº 77), em favor dos nossos filhos. Parabéns! “Tamo junto!”

Boa Leitura!

Carlos Diniz.

a chama

Revista editada pela Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XLI Nº 89
Maio/ 2015

Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22241-125
Telefone: (21) 3235-2900 e-mail: csvp@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Padre Agnaldo Aparecido de Paula e Tulio Vasconcellos
Reportagem: Rodrigo Prestes e Rosa Lima
Edição de Textos: Rosa Lima
Revisão: Pe. Lauro Palú
Projeto gráfico e Produção Editorial: Christina Barcellos
Fotos: arquivo CSVP, arquivo APM, arquivo Gustavo Guenzburger, Marcela Almeida, Carolina Cardoso, Joka, Tulio Vasconcellos, Simone Fuss, Alice Moraes, Christina Barcellos e Pe. Lauro Palú
Distribuição interna e venda proibida
Tiragem: 2 mil exemplares
Jornalista Responsável: Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM
Presidente: Carlos Diniz Marques Campos e Flavia Fioruci Bezerra
Vice-Presidente: Simone Fuss Maia da Silva e Angelo Maia da Silva
Relações Públicas: Tulio Vasconcellos e Sheila Ornellas Guimarães
Secretária: Lucia Carvalho Coelho e Fernando José Rodrigues
Tesoureira: Verônica de Gusmão Mannarino e Alvaro Kilkerry Neto
Representante dos Professores: Jéssica Moura Dias Campos
Assistente Eclesiástico: Pe. Agnaldo Aparecido de Paula
Conselho Fiscal: Neuza Miklos/ Álvaro Barbosa de Carvalho, Marlene Martins Duarte/Ronaldo Souza Soares, Sheila O. Guimarães/ Flavia F. Bezerra
Secretário da APM: Edevino Panizzi

Diretoria reeleita

Carlos Diniz e Simone Fuss falam do trabalho à frente da Associação de Pais e Mestres

Comemorando no dia 3 de maio 55 anos de vida, a Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente acaba de reeleger sua diretoria para o biênio 2015-2016. Com algumas pequenas mudanças em sua composição: Carlos Diniz segue como presidente; Simone Fuss, antes membro do Conselho Fiscal, agora é vice-presidente; e Lúcia Carvalho deixou a vice-presidência para assumir o lugar de Secretária, antes ocupado por Miguel Christino. Os demais membros da diretoria permanecem como no biênio anterior: Verônica de Gusmão na Tesouraria; Tulio Vasconcellos como Diretor de Relações Públicas; e Marlene Duarte, Flávia Bezerra e Neuza Miklos no Conselho Fiscal. Diniz e Simone receberam a reportagem d'**A Chama** para um balanço da última gestão. E falaram dos planos para a próxima.



TULIO VASCONCELLOS

Que avaliação vocês fazem desses dois anos à frente da Associação de Pais e Mestres?

Diniz: Muita gente não sabe, mas a Associação gere uma verba importante. Por conta disso, tem obrigações, tem funcionário e tem que saber onde e como aplicar esse dinheiro. Nesses dois anos, nós tratamos de usar melhor esses recursos e cortar alguns custos que nos pareceram supérfluos.

Simone: Nós avaliamos que o dinheiro podia ser melhor aplicado nas pessoas e atividades que apoiamos. O coral São Vicente a Capella, dirigido pela Patrícia Costa, foi convidado a participar do festival Cantapueblo, em Mendoza, na Argentina, e alguns coralistas não tinham condições de arcar com a viagem. Nós então decidimos ajudar essas pessoas para que o coral pudesse viajar completo. Contribuímos também para que um aluno pudesse viajar, representando o Colégio, para a Suíça para participar da Olimpíada Internacional de Neurociência.

Diniz: Isso sem falar nos projetos que financiamos todo ano, como a Ciranda de Livros, as Olimpíadas, as Voluntárias da Caridade, a Festa de Natal dos funcionários, que nós mudamos bastante. Hoje, contribuímos com menos presentes para o sorteio, mas presentes muito melhores. Outra mudança que nós trouxemos foi na própria revista *A Chama*, que é o veículo de comunicação da Associação com a comunidade do colégio. A revista ficou mais leve: tem menos páginas, mas com uma periodicidade maior (agora são três por ano e não duas), tem mais fotos, textos mais curtos e ganhou seções novas.



Os casais-diretores da APM, junto com Jéssica Campos, representante dos professores, Edevino Panizzi, secretário da associação (ambos na fila de trás, à direita e à esquerda, respectivamente) e o diretor do colégio, Padre Agnaldo, ao centro

Quais projetos foram bem sucedidos?

Diniz: O concurso de fotografias certamente foi um deles. Deu supercerto, os alunos responderam bem – ainda que em termos numéricos a participação não tenha sido tão expressiva, mas o envolvimento foi grande. O concurso movimentou o colégio, a exposição foi bem visitada e o retorno dos pais também foi bom.

Simone: O novo formato do Encontro dos alunos formados no ano anterior também foi muito bem aceito. Agora ele funciona como um sarau, o som fica aberto para os ex-alunos tocarem quando quiserem, e isso fez muito sucesso entre eles. Mas a principal mudança que nós imprimimos nesta gestão foi fazer uma entidade muito mais presente no dia a dia do colégio. Acho que os pais hoje reconhecem o tempo e o carinho que dedicamos à Associação.

O que mudou na APM com a criação da Associação de Professores?

Diniz: Para nós, nada. Nós apoiamos a criação da Associação de Professores, mas mantivemos a vaga do representante deles na nossa associação porque consideramos esse vínculo importante dos pais com os mestres.

E para a próxima gestão, quais são os planos?

Simone: Nós queremos continuar a aplicar nossos recursos em projetos que beneficiem as nossas crianças. Um deles é o curso de programação de computadores, que vamos oferecer para as crianças pequenas, sem custo. Outro projeto é o curso de método de estudo, que pretendemos oferecer para os alunos do Ensino Médio, esse a um custo simbólico. Nós queremos cada vez mais atuar voltados para os nossos alunos, os nossos filhos, na sua vida escolar, formando bons cidadãos. Queremos cada vez mais valorizar o que é nosso seguindo o lema do colégio de educar para a transformação social.

Diniz: Vamos repetir também o concurso de fotografia, vinculado à feira de linguagem, apoiar o sarau dos alunos e reavivar os laços com os ex-alunos. Também queremos equipar o auditório para receber as montagens de teatro e de coral, de forma a não precisar contratar serviços de iluminação de

terceiros a cada apresentação, o que acaba saindo mais caro. Outro foco nosso são os projetos sociais. Hoje o colégio investe pouco nesse tipo de projeto. Até alguns anos atrás havia um vínculo forte do São Vicente com a comunidade do Cerro Corá, aqui no Cosme Velho, onde as voluntárias tinham um trabalho importante na creche. Esse trabalho acabou sendo interrompido por conta da violência, mas agora queremos retomar esses laços. E nós da Associação de Pais e Mestres estamos entrando como um dos financiadores desse projeto. Também vamos investir mais na ajuda a alunos bolsistas mais carentes do colégio, auxiliando, por exemplo, com o custo do material escolar.

Simone: Queremos trabalhar melhor a comunicação com os pais. Com a ajuda do pessoal da informática, estamos tentando mudar a página da Associação de Pais e Mestres no site do colégio. Queremos frisar menos a sigla e mais o termo Associação. Vamos estimular cada vez mais a interação com os pais, para isso criamos um e-mail n'A *Chama*, para que eles possam nos escrever e dar sugestões. Quanto mais os pais participarem, melhor será nosso trabalho.

As Femininjas



Alunas criam coletivo feminista para debater questões de gênero na sociedade



Tudo começou há pouco mais de um mês, numa palestra de boas-vindas aos alunos do 1º ano do Ensino Médio: quando se falou do código de roupas do colégio, algumas meninas protestaram. “Esse é um discurso que sempre é dirigido apenas para as meninas e isso nos incomoda muito. Como se não nos déssemos ao respeito ou não tivéssemos noção de decência. É muito ofensivo. Os meninos podem fazer Educação Física sem camisa, e as meninas, nem de top podem”, disse a aluna Júlia Campos.

O comentário gerou muita polêmica e discussão acerca do que podem ou não podem, fazem ou não fazem, pensam ou não pensam meninos e meninas. E motivou Júlia e suas colegas Maria Isabel Nogueira, Julia Vargas e Mariana Mainhard a criar um grupo para debater questões de gênero.

Assim nasceu o *Coletivo Femininja São Vicente*, ao qual se integraram também alunas do 9º ano do Fundamental e das outras séries do Ensino Médio. Sob orientação da coordenação e das orientadoras educacionais do Ensino Médio, a primeira iniciativa do grupo foi a organização de uma mesa-redonda para refletir sobre o tema do feminino e do masculino na sociedade. Na verdade, duas: uma, no dia 26; e outra, no dia 27 de março, com três convidadas cada, falando sobre feminismo, machismo, preconceitos, direitos...

No dia 26, para os alunos do 9º EF e 1º ano do EM, estiveram presentes Isabela Rapizo Peccini, estudante de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ e colaboradora da Revista feminista *Capitolina*; Leila Linhares Barsted, representante da ONG CEPIA dos Direitos das Mulheres e Débora



Alunos do 2º e 3º anos do Ensino Médio participaram ativamente do debate promovido pelo Coletivo Femininja no dia 27 de abril. Na mesa, a jornalista Renata Rodrigues (à esq.), a ex-aluna Ana Paula Pellegrino (ao microfone) e a professora Valéria Baptista, mediadora

Thomé, jornalista e cientista política, uma das organizadoras do bloco *Mulheres Rodadas*. A mediação foi da professora Renata Salomoni.

A *Chama* esteve no colégio cobrindo o evento do dia 27. Para um auditório lotado de alunos do 2º e do 3º anos do Ensino Médio, falaram a antropóloga Andrea Morais, professora de Relações de Gênero na UFRJ; Ana Paula Pellegrino, mestranda em Relações Internacionais na PUC-Rio e colaboradora da *Capitolina*; e Renata Rodrigues, jornalista e uma das fundadoras do coletivo *Mulheres Rodadas*. A mediação foi da professora Valéria Baptista.

Relações desiguais

Andrea foi a primeira a falar, sobre desigualdade de gênero. “Toda desigualdade começa em casa. Na pia, no tanque, no lavar o banheiro”, disse. E trouxe dados recentes do IBGE mostrando como recai muito mais sobre as mulheres o ônus do trabalho doméstico.

Entre os adolescentes de 10 a 15 anos, apenas 37,6% dos meninos cuidam de afazeres domésticos, aos quais dedicam 7,7 horas semanais. Esse percentual sobe para 68,5% das meninas dessa faixa etária, que dedicam 12,2 horas por semana para as tarefas de casa. No universo dos jovens entre 16 e 24, a diferença se acentua ainda mais: enquanto somente 38,8% dos rapazes cuidam da casa durante 9 horas por semana, 80,7% das moças dedicam nada menos do que 18,8 horas semanais a essas tarefas. Tarefas que acumulam muitas vezes com trabalho, estudo, academia, salão... para fazer frente às diversas exigências sociais.

“A relação das mulheres com o tempo é extenuante. E isso não precisa ser assim, se a gente se ressocializar e entender que o cuidado também é um exercício do masculino”, disse Andrea, para quem relações de gênero mais igualitárias passam por políticas públicas de creches, licença-paternidade, casas para idosos, cotas, entre outras.

Ex-aluna do São Vicente, Ana Paula fez um relato mais pessoal. Lembrou dos seus tempos de adolescente e contou como se sentia mal com a suposta imagem de que meninas são “boazinhas” e meninos “agressivos”. “As meninas praticam um tipo de violência não dita, psicológica, que humilha

tanto ou mais. Eu me identificava mais com os meninos, que eram mais diretos e sinceros. Foi só na faculdade que descobri que podia ser amiga de mulheres também, que se pode construir uma relação no conflito e no desconforto”, disse Ana Paula Pellegrino, que ainda falou da experiência do coletivo feminista como um espaço de aprendizagem.

Já a jornalista Renata Rodrigues contou das experiências pessoais de discriminação por que passou, falou do sexismo na publicidade e do bloco *Mulheres Rodadas*, criado com a colega Débora Thomé, para zoar uma postura machista que causou muita indignação nas redes sociais. O evento foi um sucesso: reuniu mais de 2 mil pessoas na Quarta-feira de Cinzas, numa ação coletiva que contou com o apoio da ONU Mulher e ganhou destaque até nos jornais *New York Times* e *The Guardian*.

No final da mesa-redonda, o tempo ficou curto para tantas perguntas vindas da plateia. Mas quem quiser continuar a conversa pode se integrar ao coletivo Femininja, que está de portas abertas à participação de todos. Também uma página no Facebook foi criada para trocar ideias e tirar dúvidas: é a Comunidade Libertinas. É só curtir. E começar a postar seus comentários.

Acho importante trabalhar a ideia de que a gente é poliglota na nossa língua, ou seja, podemos falar várias línguas, é só saber qual é adequada para cada situação de discurso”.

André Mucci,
professor de Português

“Trabalho com os alunos a ideia de que não existe uma verdade absoluta, mas formas distintas de se ler os acontecimentos, como uma construção social e cultural. Nesse sentido, a história é muito libertadora”.

Luís Gai,
professor de História

Espírito crítico e abertura ao diálogo

Esses foram os grandes ensinamentos do Colégio São Vicente, que os ex-alunos André Mucci e Luís Gai hoje levam adiante como professores

Os dois foram alunos do São Vicente, do 1º ano do Fundamental ao 3º do Ensino Médio. Apesar da diferença de idade de dois anos, ficaram amigos na adolescência e chegaram a tocar juntos numa banda de rock, a Blue Note, um como baixista e outro, como cantor. Hoje são ambos professores de dedicação exclusiva no colégio. Ambos apaixonados pelo magistério.

Estamos falando de Luís Gai, 30 anos, e André Mucci, 28, respectivamente professores de História e de Português no Colégio São Vicente.

Gai, formado na turma de 2003, está na casa como professor de 2008, depois de concluir a Graduação em História e o mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Dá aulas à tarde no 6º ano, onde ensina História Antiga, e à noite tem oito turmas distribuídas entre a EJA (Educação de Jovens e Adultos), o Fundamental 2 o 3º ano do Ensino Médio, que abarcam todos os períodos da história humana. Além disso, coordena o pré-vestibular comunitário e está também no cargo de assessor da área de ciências humanas, além de dar aula no PLIPT, um projeto relacionado à língua portuguesa, de produção e interpretação de textos, no 8º ano.

Já André, do 3º ano B de 2004, é formado em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e ensina português e redação no Ensino Fundamental (quatro turmas), no Médio (três turmas) e também

na EJA (duas turmas). Depois de passar por outras escolas e cursos, entrou no São Vicente em 2011 como professor voluntário do pré-vestibular comunitário, a convite de Gai. No ano seguinte, abriu-se uma vaga de professor de português na EJA e foi convidado. “Aceitei de bom grado e aqui estou, em dedicação exclusiva, feliz da vida”, diz.

Marca dos anos de formação

Crias da casa desde a infância – eles estão no colégio desde a “convivência”, período de adaptação dos alunos novos do 1º ano que o São Vicente adota no lugar de prova de seleção, André Mucci e Luís Gai reconhecem na sua maneira de ser e de ensinar a marca dos anos de formação vividos aqui.

“Para mim, o desejo de ser professor surgiu ainda na escola, por conta da convivência com alguns mestres que se tornaram referência. O que eu mais admirava era a relação dos professores

com os alunos, os toques legais que eles davam e faziam a gente refletir. Era isso que me fazia querer estar no lugar deles algum dia. A paixão pela língua portuguesa apareceu mais durante a faculdade. No colégio, a literatura foi a porta de entrada, a que primeiro me seduziu, principalmente por causa dos professores incríveis que a gente teve, como era o caso da Débora Finamore e depois do Maurício Krause e por fim o Rogério Forte, também uma pessoa fantástica”, conta André.

Já Gai não tinha muito claro o que queria ser no período do vestibular, mas reconhece a importância da formação recebida no colégio na sua maneira de ver e lidar com o mundo. “Sempre fui um leitor voraz, gostava muito das matérias de humanas, pensava em direito, em cinema, em história, mas ainda era um desejo difuso. É claro que a Jéssica (ainda hoje professora de história do colégio) foi uma pessoa marcante na minha escolha e desde cedo eu entendi que o São Vicente era um colégio que trazia essa possibilidade de a gente refletir politicamente, tornar-se um cidadão ativo, transformador. Ao longo da vida, fica uma espécie de marca na forma como você observa as questões sociais e encaminha sua argumentação, no tipo de solução você propõe. E isso eu levo adiante como professor”, revela Luís Gai.

Essa “marca”, os dois carregam também na forma como encaram sua profissão. Gai diz não pensar a história como passado ou como estudo de fatos e personagens importantes, mas como uma forma de iluminar o presente. “Trabalho com os alunos essa ideia de que não existe uma verdade absoluta, mas formas distintas de se ler os acontecimentos de acordo com determinado contexto histórico, como uma construção social e cultural.

Nesse sentido, a história é muito libertadora”, afirma Gai.

Para André, também no ensino da língua portuguesa a abertura para o diálogo que a escola propõe é o ensinamento mais importante. “A gente ensina o padrão culto da língua, mas o aluno também aprende desde cedo a questionar o porquê das coisas, a não aceitar simplesmente uma imposição. Muito do que se costuma chamar de erro, nada mais é do que preconceito linguístico. Acho importante trabalhar a ideia de que a gente é poliglota na nossa língua, ou seja, podemos falar várias línguas, é só saber qual é adequada para cada situação de discurso”, diz.

Para os dois professores, o que mais gratifica na profissão é o reconhecimento dos colegas e, sobretudo, dos alunos. “Quando a gente consegue despertar o interesse deles, quando eles se deslumbram com determinado assunto que estamos trabalhando, isso é impagável”, afirma André.

Luís Gai concorda e acrescenta que a Educação de Jovens e Adultos é particularmente rica em momentos bonitos e de reconhecimento por parte dos alunos. E também o trabalho que realiza como voluntário no projeto *Construindo e Preparando o Futuro*, que o São Vicente desenvolve em apoio a professores de redes municipais do interior. “Há alguns anos, a gente estava na Serra do Ramalho, na Bahia, e os temas tratados nos debates com os professores locais giravam em torno da questão política. No final da semana, a gente se deparou com eles fazendo uma assembleia geral e depois marchando em conjunto até a Câmara Municipal para negociar melhores condições de trabalho. Foi uma grande emoção participar desse despertar. São momentos como esse que iluminam nosso trabalho como alguma coisa que de fato faz diferença na vida das pessoas”.

Caraça e São Vicente: uma relação da vida inteira

A Chama homenageia os 240 anos do Santuário que inspirou a construção do nosso colégio e que todo ano recebe seus alunos em alegres e instrutivas excursões

Na noite de quarta-feira 1º de abril, véspera dos feriados da Semana Santa, dois ônibus de turismo partiram do Colégio São Vicente levando em viagem 53 alunos do 3º ano do Ensino Médio, acompanhados de alguns professores e funcionários. O destino era o Santuário do Caraça, distante 500 quilômetros do Rio, no coração de Minas Gerais.



PE. LAURO PALÚ

Em julho e outubro, será a vez de outros dois grupos, desta vez de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, visitarem o Caraça – como comumente é chamado este “centro de espiritualidade e missão, de cultura e educação, de conservação ambiental, lazer e turismo”, que está celebrando 240 anos de vida.

A cada ano o Caraça recebe cerca de 10 mil alunos, de escolas públicas e particulares, além de milhares de visitantes e centenas de pesquisadores de todas as partes do mundo, que vão conhecer a rica biodiversidade do local e desfrutar do silêncio, da harmonia e da paz que ele propicia.

As excursões dos alunos do São Vicente ao Caraça são uma tradição que remonta a mais de 30 anos. Mas nem mesmo seu atual diretor, Pe. Lauro Palú, sabe dizer exatamente quando elas começaram.

“Lembro-me de que, em 1979, eu já fora designado para Diretor do Colégio, quando passaram por Belo Horizonte a Professora Marlene Bluhm e uma turma de Alunos que tinham ido ao Caraça. Quando voltei de Roma e fui novamente Diretor, a partir de 1999, cada ano tive o gosto de participar muitas vezes nas excursões organizadas pelas Professoras Rosana e Roseli, Mônica, Luciana, Maria Lúcia e outros Professores e Professoras, para um ou mais grupos da quinta série e, um pouco mais tarde, nas organizadas pelo Alexandre (o professor de Geografia, falecido ano passado) para o Ensino Médio, em geral no Terceiro Ano”, conta Pe. Lauro.

Mas com que objetivos se vai ao Caraça com nossos Alunos?

“Acho que o que anima os Pequenos é a novidade, dormir fora de casa, longe dos Pais, ter que arrumar a cama de manhã, ver as Professoras descabeladas na hora de levantar, fritar ovos na chapa do fogão do refeitório, ver o lobo-guará e alguma cobra, tomar banhos geladíssimos nas cachoeiras e na piscina e no rio... Os Grandes creio que de fato se energizam para o Vestibular, como dizia o Alexandre, esquecem três dias os livros e curtem as caminhadas, os banhos nas cachoeiras, a extraordinária biodiversidade caracense, sua riqueza histórica, artística e cultural, e acho que percebem que todos nós temos grande responsabilidade em preservar o Caraça para o Brasil e o futuro”, diz Pe. Lauro.

Mas a relação entre o Caraça e o Colégio São Vicente é bem mais antiga do que as excursões de alunos. “A banda de música do Caraça tocou na inauguração oficial do Colégio, em 1959, de que também participei, ainda como Estudante de Filosofia em nosso Seminário de Petrópolis”, revela Pe. Lauro. Na verdade, a ideia, ao se construir o colégio, no Rio, era uma obra de educação que continuasse o que o Caraça tinha sido, no tempo do Império e da primeira República. Um colégio de excelência. Fundado em 1820, o Colégio do Caraça foi o primeiro de Padres Lazaristas no Brasil e o primeiro secundário masculino de Minas Gerais.

Uma legião de brasileiros se formou sob a orientação dos Lazaristas, e no Colégio do Caraça, em particular, dois ex-presidentes: Afonso Pena e Arthur Bernardes. Embora o colégio tenha encerrado suas atividades em 1912, o Caraça continuou a funcionar, como Seminário Menor da Congregação da Missão. O Caraça e o Colégio São Vicente coexistiram nove anos, até maio de 1968, quando um incêndio destruiu o Seminário.

De acordo com Padre Lauro, há ainda um dado essencial, na relação entre o Caraça e o São Vicente, pois a construção do Colégio foi possível graças a um empréstimo do governo federal (do ex-Aluno de Diamantina, o Presidente Juscelino Kubitschek), que foi pago graças à venda das matas do Caraça para a fabricação de carvão para as metalurgias da região.

“Espero que todos os que nos visitem e os que venham com suas Famílias nas suas férias, sintam que abrimos nosso Santuário e nossa Reserva biológica para que conheçam a amplidão de nossa missão missionária, educadora, cultural e científica. E sintam que a defesa e preservação do Caraça é uma tarefa de todos nós”, finaliza Pe. Lauro.



Padre Lauro recebe alguns alunos do 3º ano do Ensino Médio do São Vicente

ZUCA

Os 240 anos de uma rica história

O ano de 1774 marca o início oficial das iniciativas que viriam a se tornar o Colégio do Caraça. Vindo de Portugal, Irmão Lourenço de Nossa Senhora fundou uma pequena capela, no atual município mineiro de Catas Altas, num local retirado. A ideia era que servisse como “refúgio para as almas piedosas”, transformando-se num centro espiritual e cultural.

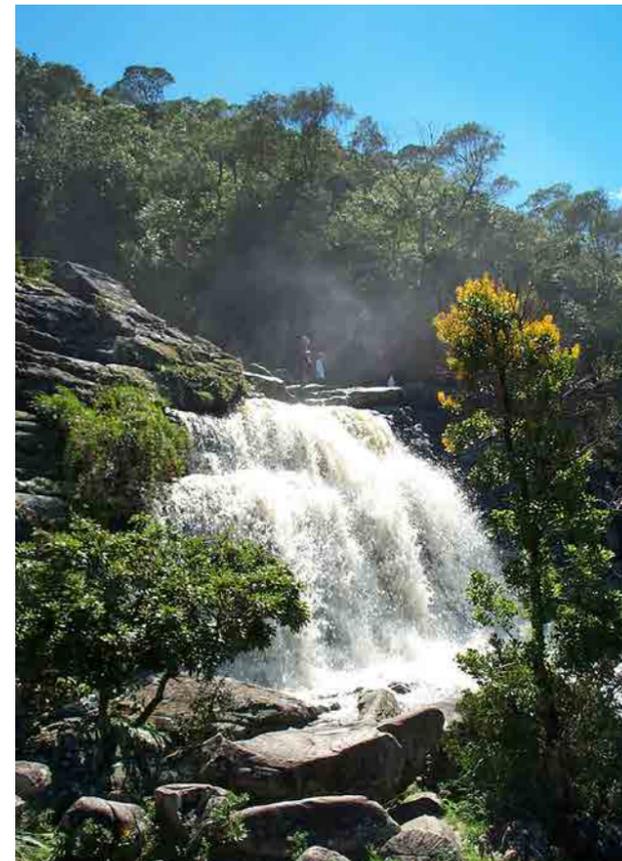
Sob o nome de Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens, o refúgio foi fundado numa belíssima serra, cuja silhueta – de uma cara gigante – fez os antigos colonizadores atribuírem ao local o nome de “Caraça”. Com a morte do Irmão Lourenço, em 1819, o Rei de Portugal foi encarregado, por testamento, de transmitir a ermida, a hospedaria e suas terras a uma Congregação de Padres que mantivessem ali uma escola e promovessem o bem espiritual dos habitantes da região.

Através de uma Carta Régia, datada de 31 de janeiro de 1820, a Congregação da Missão foi admitida no Brasil e os primeiros Padres Lazaristas chegados ao país fundaram, no mesmo ano, o Colégio do Caraça. Oficialmente declarado Colégio Imperial, em 1831, o Caraça recebeu a visita do Imperador D. Pedro I, e também a de seu filho, D. Pedro II, em 1881.

O Colégio encerrou suas atividades em 1912, mas continuou a funcionar como Seminário até que um trágico incêndio destruiu a edificação em maio de 1968. A igreja, porém, foi salva. Depois de 150 anos dedicados à formação intelectual e humana de jovens leigos e seminaristas, o Santuário do Caraça, como é conhecido hoje, foi reativado como pousada no início dos anos 1970.

Renascido das cinzas, o Caraça é atualmente o mais bem cuidado parque de Minas Gerais, uma obra exemplar de educação ambiental e preservação da natureza, além de um centro de peregrinação, cultura e turismo.

Para comemorar seus 240 anos, a Comunidade da Direção do Caraça adquiriu a edição do belo livro *Serra do Caraça*, organizado por Christiano Ottoni, preparou um caprichado Álbum Comemorativo em forma de revista, uma edição especial do jornal *Voz do Caraça* e um selo dos Correios, lançado no final de 2014.



Com a palavra, o diretor

A Chama - Como foi sua chegada ao Caraça como diretor e quais os seus projetos para o Santuário?

Pe.Lauro - Fui chegando devagar. E continuo chegando, conhecendo aos poucos muitas das dinâmicas do dia a dia. Como, por exemplo, a qualidade especial dos nossos funcionários, sua atenção com cada pessoa, seus interesses, suas emoções com tudo o que ocorre aqui. Trabalhamos muito na qualificação deles e no seu bem-estar como pessoas e em suas famílias e comunidades. Para isso, temos uma eficiente coordenação ambiental, com bióloga formada e em pós-graduação, e uma psicóloga que trabalha a qualidade da relação de cada um com todos os outros. Temos uma gastrônoma ajudando nossas meninas a inventarem coisas na cozinha, na padaria, na doçaria. O mesmo se diga do cuidado com o aspecto moral e religioso, através do trabalho na igreja, na formação catequética dos funcionários e de quem frequenta nossas celebrações. Cada vez que vejo, no refeitório, a galeria prestigiosa dos meus predecessores, sinto-me responsabilizado e estimulado e me aparecem as indicações do que fazer, como líder da Comunidade, anfitrião desses milhares de visitantes, como estudioso da natureza e das pessoas e, se possível, amigo de cada um.

A Chama - O que se espera para o Jubileu dos 250 anos do Caraça?

Pe.Lauro - Esperamos que o Estado e o País nos ajudem eficazmente a chegarmos a 2024 com bons resultados, por exemplo, no processo de reconhecimento do Caraça, pela Unesco, na categoria de Patrimônio Natural da Humanidade (de Paisagem Cultural, como se diz hoje), e na construção dos espaços culturais necessários para termos um museu digno, uma biblioteca espaçosa e suficiente para guardar e valorizar seu rico acervo. Sobretudo precisamos de um museu para a nossa riquíssima biodiversidade, da fauna e da flora, e também de sua riqueza mineral, geológica, hidrológica, etc.



O ano do lobo-guará

O Caraça tem mais um motivo especial para celebrar: 2015 foi eleito o Ano do Lobo-Guará. Personagem importante do Santuário, o lobo-guará é um encanto especial para os visitantes que se hospedam no Caraça. Toda noite ele vem se alimentar no adro da igreja e faz a festa, sobretudo dos pequenos, que imaginam encontrar ali o lobo mau das histórias infantis.

Ledo engano. O lobo-guará não é aquele feroz que se conhece no Hemisfério Norte. O nosso é também da família dos cachorros, o maior da América do Sul, mas late e não uiva; é pacífico e brincalhão, mesmo amoroso e amigo. Não anda em bando, mas sozinho, embora o macho zeze, a certa distância, pela segurança de sua família.

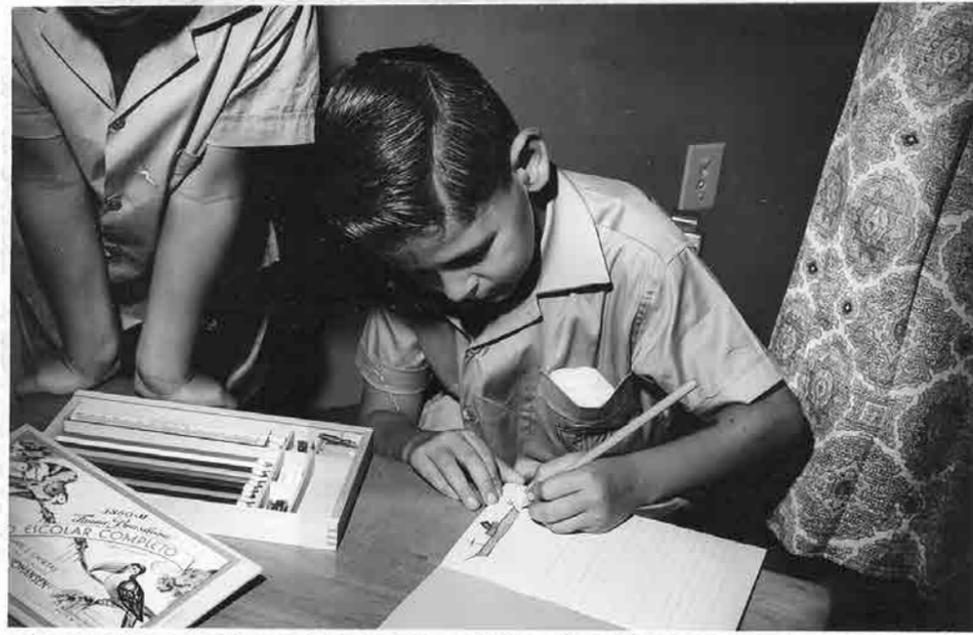
O nome técnico dele é *Chrysocyon brachyurus*, que quer dizer “animal dourado de cauda curta”. No Caraça existe apenas uma família de lobos-guará: um macho, uma fêmea e dois ou três filhotes, conforme o ano. Quando crescem, eles lutam entre si, os lobos e as lobas, e no território ficam só os dois mais valentes. Os que são expulsos devem procurar uma região onde não haja outros lobos nem cachorros, para estabelecer-se e formar uma nova família.

O fato de o lobo comer em bandeja na frente da igreja não o impede de continuar caçando bastante. Caça pequenos animais e aves e come também frutas. Por este motivo o lobo-guará não tem hora de aparecer. O momento de esperar a aparição do animal é conhecida como “a hora do lobo”, a partir das 18h30min.

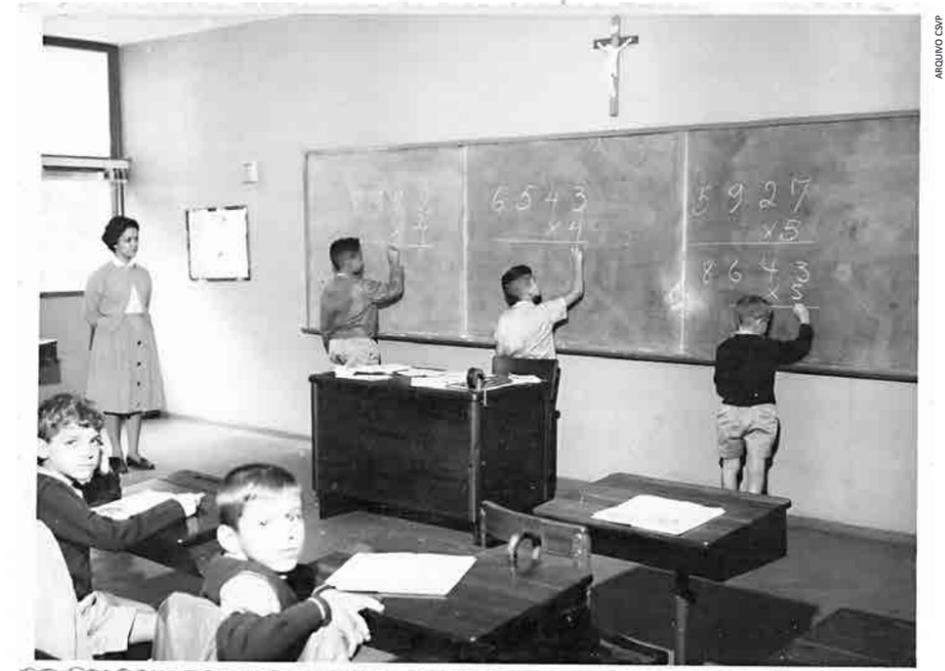
Por causa do que o Caraça faz e de outras instituições que divulgam a convivência pacífica com o lobo-guará, ele não está mais na lista dos animais ameaçados de extinção. Está na lista dos animais vulneráveis, lista ainda perigosa, mas não mais ameaçado de extinção.

ONTEM E HOJE

As situações são as mesmas, mas quanta coisa mudou desde 1959, quando foi fundado o Colégio São Vicente, até os dias de hoje! Dos uniformes de tecido às atuais roupas de malha; dos cabelos de meninos assentados com brilhantina aos penteados mais naturais de hoje; dos estojos de madeira e pastas de couro às mochilas e estojos de plástico ou papel; das carteiras de madeira, quadros-negros e giz aos móveis modernos, quadros-brancos e canetas pilot. No mais, o mesmo ambiente escolar, de aprendizagem e trocas. E até mesmo a coincidência de dois alunos canhotos, lá como cá.



ARQUIVO CSVP



ARQUIVO CSVP



ARQUIVO CSVP

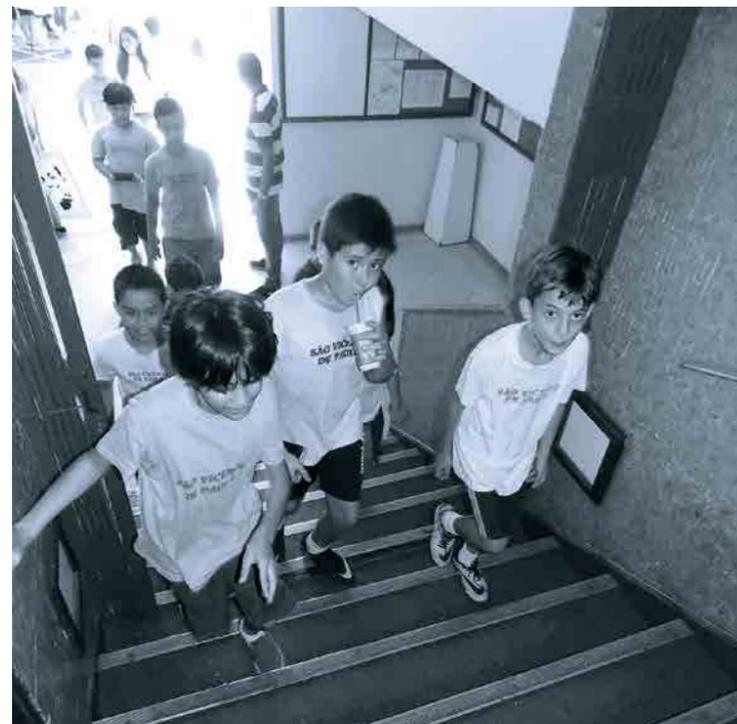


MARCELA ALMEIDA

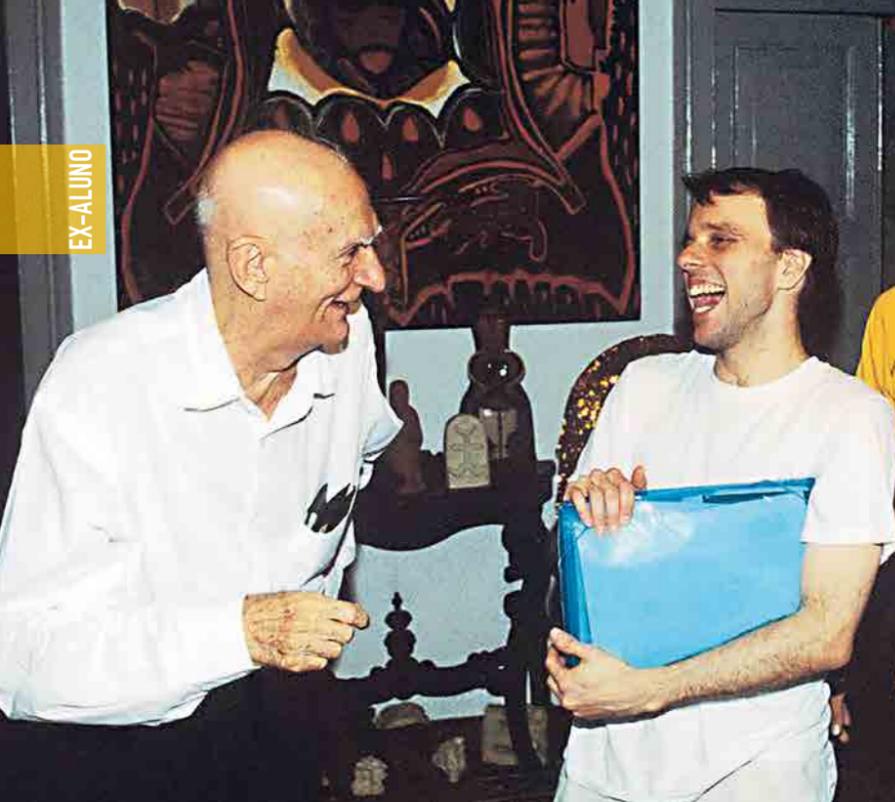


ARQUIVO CSVP

Felipe Machado T401



MARCELA ALMEIDA



À esquerda, Gustavo com Ariano Suassuna, em 2004. No alto, com o diretor Almir Telles (ao centro) e colegas, na montagem de *Torturas de um coração*. E pintando o muro na sua época de aluno do São Vicente, quando integrou o grupo de teatro Calabouço



Assim no palco como na vida

Cria do ambiente de liberdade e criatividade do São Vicente, Gustavo Guenzburger leva adiante o lema do colégio com seu teatro engajado e libertário

Cláudio Botelho, Fernanda Torres, Débora Bloch, Enrique Diaz, Dudu e Paula Sandroni, Moacyr Góes, Stella Rabello ... São muitos os nomes do teatro carioca que deram os primeiros passos na profissão nos palcos do Colégio São Vicente.

Porém, talvez mais do que qualquer outro de seus colegas, um ex-aluno e representante da classe teatral seguiu à risca o lema vicentino de educar para a transformação social: Gustavo Guenzburger, o Gruta. Ator, diretor, produtor e pesquisador teatral, Gustavo foi cria do ambiente de liberdade e criatividade das aulas de teatro do São Vicente nos anos 1980 e das montagens de cunho sócio-políticas do diretor Almir Telles, professor do colégio até 2002. Montagens que Gustavo segue apresentando no teatro engajado e libertário que abraçou.

Foi assim nos mais de 20 anos como integrante do grupo teatral Sarça de Horeb, como continua assim à frente do movimento *Reage, Artista!*, e também em seu primeiro trabalho de direção, na peça *Crônicas de Nuestra América*, inspirada em textos do dramaturgo Augusto Boal.

“Nós estamos sempre atentos pensando qual a direção política do nosso teatro”, diz Gustavo Guenzburger, que acaba de finalizar sua tese de doutorado sobre as mudanças no teatro carioca. “Na tese eu mostro que o teatro do Rio está cego para os grandes problemas sociais que estão ali do outro lado do túnel, opressões, assassinatos, encarceramentos em massa de populações negras e pobres. Por quê?”, questiona Gruta.

Teatro político

O gosto pela política, diz ele, foi inoculado em casa e também no colégio, onde estudou da então 5ª Série ao Ensino Médio, de 1983 a 1989, quando se formou. Em 1984, mal completara 13 anos, já estava participando do Comício das Diretas. “Apesar de muito novo, eu era meio metido e já tinha as minhas opiniões políticas”, lembra.

A vontade de trabalhar como ator demorou um pouco mais para se definir. No final daquele mesmo ano, Gruta assistiu *As quatro patas do poder*, adaptação de Almir Telles para o livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, e quis entrar para o grupo *Faz escuro mas eu canto*, do Ensino Fundamental.

Mas foi somente em 1987, quando entrou no Ensino Médio e passou a integrar o grupo *Calabouço*, que a paixão pelo ofício o contaminou de vez. A primeira peça foi *Brasil nunca mais*, de Getúlio aos generais, montagem de Almir em forma de revista musical, a partir do livro que primeiro relatou a tortura nos anos de chumbo no Brasil. “A partir dali eu falei: ‘vou ser ator’. Se teatro pode fazer isso, então é isso que eu quero fazer”.

Em 1989, com outros ex-alunos de teatro e ainda sob a direção de Almir Telles, Gruta montou o grupo Sarça de Horeb, que se especializou em vender espetáculos para escolas do interior. Com ele seguiu até 2011, usando o palco como ferramenta de integração do homem em todas as suas dimensões: espiritual, política, social e poética.

Graças ao compromisso com a qualidade de seus projetos, o Sarça de Horeb estabeleceu um sólido vínculo profissional com mais de 200 instituições do país, fazendo de 100 a 150 apresentações por ano. Nos seus 22 anos de vida, acumulou com seu repertório engajado nada menos do que 500 mil espectadores Brasil a fora.

Digital do São Vicente

No final de 2011, o grupo se desfez e cada um seguiu seu rumo. Gruta e Clara (Clara de Andrade, sua mulher, atriz e também ex-aluna do São Vicente) partiram para o mestrado e o doutorado, em busca de um maior aprofundamento de suas pesquisas. Foi daí que surgiu a montagem de *Crônicas de Nuestra América*, lançada no ano passado, no teatro do Oi

Três momentos marcantes:

TORTURAS DE UM CORAÇÃO

Torturas de um coração
“Estivemos com o (Ariano) Suassuna, quando fizemos esta peça e esse foi um momento muito mágico. Ele nos recebeu na casa dele para falarmos desse trabalho, que eu considero a sua melhor peça. É bem teatro popular mesmo. Foi escrita para mamulengos e o Almir montava com atores, no caso nós, que atuávamos como bonecos. Tocávamos, cantávamos; artisticamente foi um ponto alto do grupo. Ficou 20 anos em cartaz”.

Crônicas de Nuestra América

“É uma consolidação de tudo o que eu aprendi com o São Vicente e com o Almir, com quem eu trabalhei por mais de 20 anos. É um trabalho do qual eu me orgulho muito e que resgata um grande dramaturgo brasileiro, o Augusto Boal, com uma peça inédita, a partir das crônicas escritas por ele, entre 1971 e 1976, durante seu exílio na Argentina”.



Futuro, e que em junho próximo volta ao cartaz, no Teatro Sesc da Tijuca.

“A peça começou com uma pesquisa da Clara, que estudou o exílio do Boal, e também tem muito a ver com a formação dela no São Vicente. A gente é muito marcado por essa digital do colégio e em particular do Almir”, diz Gustavo, para quem o teatro do São Vicente é aquele que quer pensar o mundo como um lugar melhor para todos. “E isso envolve paixão, imaginação, entrega e um olhar crítico para a realidade à nossa volta. Nada a ver com o que se valoriza no mercado de teatro atual, muito influenciado pela televisão, pela ideia da fama, do sucesso, da celebridade.”

Essa digital também está presente na ideia da criação do movimento *Reage, Artista!*, há dois anos, quando a prefeitura fechou alguns teatros públicos, depois do incêndio da boate Kiss, no Rio Grande do Sul. “Isso levantou uma questão entre nós, artistas, de pensarmos nossas condições de trabalho. Essa iniciativa virou um movimento da classe por políticas públicas de cultura”. Mais uma vez, tudo a ver com o São Vicente.



Brasil nunca mais, de Getúlio aos generais
“Esse foi um espetáculo que atravessou a minha vida. Não é só um momento, mas um período longo, de 1987 a 2010. É uma peça que falava de ditadura quando todo mundo dava as costas para esse tema, mesmo não havendo censura. Todas as montagens foram lindas, viajamos com a peça o Brasil todo, mas a montagem do Teatro de Arena, um teatro histórico, teve momentos incríveis”.

Comunitária, Pastoral e Social

A equipe da Compasso – Nanci, Graça e Zeduh – trabalha duro para integrar e fortalecer os laços da comunidade vicentina

Viagens de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio para o Caraça, do 7º para São Paulo, do 8º para as cidades históricas de Minas Gerais, lanches de confraternização de funcionários e professores, semana cultural e política dos grêmios, 1ª comunhão e projetos sociais do colégio: parece que nada acontece no São Vicente sem passar antes pela equipe da Coordenação Comunitária, Pastoral e Social (Compasso). Formada somente pelo trio Maria da Graça dos Santos Vasconcelos, Nanci Lima Raymundo e José Eduardo de Souza, o Zeduh, a Compasso de fato parece que faz milagre organizando tanta coisa com uma equipe tão enxuta. Mas não é milagre não. É trabalho duro mesmo.

“Nós trabalhamos muito, mas com muita alegria. Tudo o que envolve a comunidade do colégio, que inclui seus mais de 1.600 alunos, 200 funcionários e as famílias de cada um deles, passa por nós. Um colégio não pode nem deve se preocupar apenas com a parte acadêmica, nem considerar seus diversos setores como completamente dissociados uns dos outros. A comunidade como um todo precisa estar constantemente integrada, tendo espaço para que suas inter-relações possam se aprofundar e ampliar, para que os laços



CHRISTINA BARCELLOS

“Estas três áreas sempre existiram no colégio de forma separada. O objetivo de criar uma equipe que cuidasse ao mesmo tempo das três foi exatamente integrá-las a partir de uma visão de que podem fortalecer-se umas às outras. E tem dado certo.”

Zeduh



FOTOS: ARQUIVO CSVP



Zeduh, Nanci (sentada) e Graça em três momentos: de cima para baixo, num evento comemorativo do colégio, nas eleições do grêmio e em atividade de uma semana cultural do colégio

de amizade possam se fortalecer. Só assim o colégio pode funcionar de forma orgânica e em seu pleno potencial”, afirma Graça.

Para que isso aconteça, são programados sempre encontros como o Domingo com a Compasso, realizado no segundo semestre, e que ano passado ofereceu a funcionários e professores do colégio a oportunidade de passar um dia com suas famílias e colegas de trabalho em uma casa em Araruama com direito a DJ animando a programação, piscina, campo de futebol e comida da melhor qualidade. Tudo isso organizado de forma justa, com um valor mais em conta para os funcionários.

Além dos encontros de integração, a Compasso também acompanha de perto o trabalho dos três grêmios diurnos do colégio, promovendo junto aos alunos uma avaliação do andamento de suas propostas, às vezes sugerindo adequações, e sempre ajudando a encontrar as melhores datas para cada uma das dezenas de atividades organizadas por eles, como os campeonatos de queimado, saraus e palestras de autores e entidades de diversas áreas. Isso sem falar em todo o trabalho pastoral realizado dentro do colégio, que envolve as aulas de religião e a primeira comunhão, que acontece todos os anos, e que recebe uma orientação especial para que seja feita de acordo com os princípios da escola.

Em relação aos projetos sociais, o colégio vive atualmente, segundo a equipe da Compasso, um momento de entressafra e uma reavaliação interna sobre o tema está em andamento. No processo de atualização do Projeto Político-Pedagógico da escola, foi criado um grupo – formado por Zeduh, Padre Maurício de Resende Paulinelli, a prof. Valéria Baptista (de filosofia) e Flávia Almeida dos Santos (a assistente social do São Vicente), para trabalhar o tema dos projetos sociais. Uma primeira reunião deste grupo com pessoas de dentro e de fora da escola que já trabalharam em projetos dessa natureza ocorreu no dia 18 de abril último. Dela, saíram propostas que visam fortalecer novamente essa frente de atuação, pela qual o São Vicente é tão conhecido.

“Estas três áreas sempre existiram no colégio de forma separada. O objetivo de criar uma equipe que cuidasse ao mesmo tempo das três foi exatamente integrá-las a partir de uma visão de que podem fortalecer-se umas às outras. E tem dado certo. Nós vemos que a integração da comunidade cresce quando criamos projetos sociais que envolvam a todos. Os projetos por sua vez são tocados a partir dessa visão de solidariedade trazida pela pastoral e reforçam ainda mais o espírito vicentino. É um ciclo do bem”, disse Zeduh.

Ano novo, novas benfeitorias

Como faz todos os anos, a administração do Colégio São Vicente aproveitou as férias escolares para fazer obras de benfeitorias e manutenção de suas instalações. Neste ano, foram contemplados o laboratório de química, que foi totalmente reformado; as salas de aula do primeiro andar e do subsolo, que ganharam mobiliário novo; um dos laboratórios de informática, que teve seus computadores trocados por novos; a mecanografia, também reformada; e a sala de música, que ganhou instrumentos novos.

Parado há oito anos, por inadequação às exigências atuais de funcionamento, o laboratório de química, no terceiro andar do anexo Padre Horta, passou por uma reforma geral. As mudanças foram orientadas pela equipe pedagógica da área, que convidou também uma professora especialista da Fiocruz para colaborar com sugestões.

A partir delas, foram instalados um chuveiro e um lava-olho, que podem ser acionados imediatamente por alavancas no caso de uma eventual contaminação por algum produto químico. As duas bancadas de concreto cobertas com azulejos foram transformadas em quatro menores, de granito,

e os armários ganharam portas de correr, que são usadas como lousas brancas durante as aulas, e prateleiras de granito no lugar das de madeira.

Em consulta às normas técnicas da área, a equipe de manutenção também decidiu pela troca da porta de entrada. Antes de vidro, com 80 cm de largura, ela agora mede 1,20 m, é de madeira e abre para fora, para seguir as normas recomendadas de segurança. Também por segurança, foram retirados os painéis de tecido da janela, substituídos por persianas anti-chama. Toda a parte elétrica foi trocada, os bicos de gás, renovados, e a sala ainda ganhou nova iluminação, ar condicionado, piso novo

e azulejos até o meio da parede. Também foi instalado equipamento de multimídia para as aulas de química no laboratório. Tudo feito pelo pessoal da casa.

Novo mobiliário

Dando continuidade ao serviço iniciado no ano passado no segundo e terceiro andares do prédio principal do colégio, este ano o primeiro andar e o subsolo também tiveram carteiras, mesas, cadeiras e armários trocados por novos.

São 11 salas no total, oito salas de aula regulares no primeiro andar e três salas de apoio no subsolo.

A troca de computadores dos laboratórios de informática também foi concluída. Este ano, foram colocados 18 computadores novos, num dos laboratórios (o outro já havia sido contemplado ano passado).

A sala da mecanografia também passou por uma reforma: ganhou janela que não tinha, ar condicionado e novas luminárias e teve revestimento e pintura refeitos. Também as quadras de esporte ganharam pintura nova durante as férias.

E, por fim, a sala de música começou 2015 com instrumentos musicais novinhos em folha. Piano, violão, teclado, instrumentos de sopro e percussão foram escolhidos e comprados a partir do levantamento feito pelos professores de música do colégio.

De acordo com Walcir Gomes Corrêa da Silva, gerente de projetos e manutenção do São Vicente, as benfeitorias visam garantir mais segurança, funcionalidade e conforto à comunidade escolar. “A gente quer crescer com qualidade. Para isso o planejamento é fundamental. Estamos consolidando o novo sistema de gestão, implantado há três anos, que integra setores e informações e nos permite trabalhar com muito mais eficiência e visão de longo prazo”, diz.



Com novos instrumentos musicais adquiridos pelo colégio, o professor José Assumpção ensina e rege os alunos da Turma 602



Ao alto e acima, as novas instalações do laboratório de química sendo utilizadas também pela T602

Atualização do PPP chega ao fim

Espécie de “Constituição” do colégio, o Projeto Político-Pedagógico do São Vicente, elaborado em 2000, foi agora revisto para se adequar às demandas do nosso tempo

A atualização do Projeto Político-Pedagógico do Colégio São Vicente de Paulo, iniciada em março de 2013, já está concluída. Considerado a “Carta Magna”, o documento de maior abrangência e importância da escola, o Projeto Político-Pedagógico teve a última etapa do seu processo de atualização finalizada nos dias 7 e 8 de fevereiro, num encontro em Barra do Pirai, no Estado do Rio.

Ao longo do fim de semana, pais, alunos, ex-alunos, professores, diretores, coordenadores, funcionários, membros das diretorias dos grêmios e associações do colégio, num total de 115 pessoas, se debruçaram sobre os textos saídos das três etapas anteriores de atualização – intituladas *Ver*, *Julgar* e *Agir*, para chegar à versão final do projeto, que apresenta as políticas institucionais, as diretrizes e linhas de ação a serem seguidas pelo colégio. A partir das sugestões surgidas nesse encontro, a equipe de redação voltou a trabalhar no texto final do projeto atualizado, cujo documento final será lançado ainda neste primeiro semestre.

Como ocorreu nas outras etapas de atualização do PPP, realizadas em junho e novembro de 2013 e em outubro do ano passado, também desta vez a dinâmica do trabalho se deu com a divisão dos presentes em grupos. Ao final, foram elencadas 26 linhas de ação em ordem de prioridade. Na prática, a implantação do projeto se traduzirá em projetos e atividades que sairão das reuniões pedagógicas ocorridas semanalmente na escola.

“Há expectativas de questões ligadas ao currículo, ao desenvolvimento institucional do colégio, ao projeto pastoral e social e ainda ao projeto de comunicação, que não são tratadas diretamente no PPP. Essas questões serão objeto de documentos específicos, decorrentes deste, que se desdobrarão ao longo do ano. O PPP é uma espécie de Constituição, do qual derivam os projetos específicos, assim como os códigos e as leis ordinárias. A gente fez um documento que se pretende mais duradouro e dele vão sair os demais,

mais práticos e voltados para o dia a dia do colégio”, explica o coordenador acadêmico Artur Motta.

Trabalho interdisciplinar e integrado

Segundo Nina Cunha, também da coordenação acadêmica, uma das diretrizes que já estão sendo perseguidas é o trabalho interdisciplinar e por áreas de estudo. “Estamos trabalhando no sentido de desenvolver conteúdos em que haja bastante troca e fazer projetos que envolvam mais de uma disciplina, que possam ser trabalhados mais por áreas de estudo”, diz Nina.

Uma segunda linha de ação diz respeito à organização funcional e à estrutura de funcionamento do colégio. “Cada vez mais se tem insistido no trabalho em equipe dos grupos afins. Diretoria e coordenações formando um colegiado; o SOE (Serviço de Orientação Educacional) atuando não apenas como um serviço dirigido por uma pessoa, mas como um colegiado; as disciplinas e os setores de apoio pedagógico, composto por biblioteca, informática e produção multimídia atuando também de forma integrada, além da própria área acadêmica, que também ganhou uma função de assessoria pedagógica para ampliar a visão para além de uma ou duas pessoas. Isso é um tom novo, mais adequado às demandas de participação, colaboração e integração do nosso tempo”, explica o Pe. Maurício Paulinelli, assessor da direção do São Vicente.

De acordo com Hélcio Alvim, coordenador do segmento de 6º a 8º anos do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos, existe uma dimensão da complementação desse trabalho que acontece nas reuniões de formação continuada, e também outra que é a elaboração de documentos que virão como consequência e que supõem outros protagonistas como a administração, os pais, alunos e ex-alunos e os diversos segmentos da comunidade escolar. “A ideia é continuar com a proposta de construir colaborativamente. Não é que agora, depois de dois anos de trabalho democrático, toda essa turma se retira e os “especialistas” levam adiante o desdobramento do PPP. Não é isso. É óbvio que o trabalho não será rigorosamente igual ao processo de atualização, em cinco grupos, etc., mas a perspectiva de construção coletiva prossegue nos documentos que vão se seguir”.

Processo envolveu toda a comunidade escolar

Esta é a primeira vez que o Projeto Político-Pedagógico do colégio sofre uma atualização. O documento original data de 2000 e surgiu em consequência de exigências trazidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, do final dos anos 1990. O diferencial do São Vicente em relação a outras escolas foi envolver a comunidade escolar como um todo na discussão e elaboração do projeto, cuja atualização periódica já então estava prevista.

Os coordenadores do colégio explicam que há alguns diferenciais importantes do projeto publicado em 2000 para este de agora. “Um aspecto que o documento atual está trazendo é a marca da espiritualidade vicentina, que tem a ver com a nossa identidade mesma, na forma como se traduz concretamente através de uma pedagogia”, afirma Artur.

Segundo ele, outro aspecto importante que difere um projeto do outro é que o atual assumiu claramente uma feição de toda a comunidade escolar como “ensinante” e “aprendente”. “Isso se traduz muito fortemente nas políticas institucionais e nas linhas de ação, que substituem no documento anterior um tom quase regimental, de descrição das funções de cada setor. No texto atual, tudo é assumido coletivamente, já que a missão do colégio, de formar agentes de transformação social, é para todos nós. Esse é um diferencial importantíssimo porque muda completamente o tom do documento e representa um grande avanço”, explica Hélcio.

Pe. Maurício faz questão de frisar, no entanto, que não se está fazendo um novo projeto pedagógico do colégio, mas, sim, se atualizando e ampliando seu sentido. “Ao atualizar o PPP, demos mais clareza a algumas ideias, firmamos melhor nossa linha de trabalho e nossa metodologia. Mas a nossa missão e a nossa filosofia permanecem as mesmas”.



Carta para a comunidade do CSVP

Nós, como pais de alunos do CSVP, envolvidos no processo de atualização do Projeto Político Pedagógico (PPP), iniciado no dia 21 de março de 2013, fazemos questão de registrar nosso encantamento em ter tomado parte do mesmo. A culminância deste processo, que durou dois anos, foi um encontro nos dias 7 e 8 de fevereiro de 2015, que reuniu mais de 100 pessoas de todos os setores da escola e permitiu um intenso e verdadeiro partilhar de experiências.

Com alto nível de participação e acolhimento, pudemos vivenciar o comprometimento e a paixão de todos para com o ambiente da escola, com uma escuta disponível e interessada entre os seus participantes. Nestas bases, ingressamos nas discussões para a atualização do PPP, que envolveu: Ver o mundo contemporâneo; Julgar com base nos princípios e valores vicentinos; e Agir diante dos novos desafios pedagógicos, em um contexto de intensas transformações sociais, econômicas, políticas, ambientais, científicas e tecnológicas, que ocorrem do nível global ao local, do simples ao complexo.

No começo, chegamos de mansinho, respondendo a um convite para participação na atualização do PPP. No entanto, logo nos demos conta de que responder a este convite seria participar da construção de algo muito maior, algo que influenciaria trajetórias de VIDAS! Não só as trajetórias das vidas de nossos filhos... Mas, de muitos outros filhos... Filhos que um dia serão pais e mães como nós... Não importa! Importa é que sonham com uma vida melhor, mais plena de oportunidades para si, para suas famílias, para suas comunidades... E, por que não dizer, influenciar as gerações que por aqui passam, favorecendo/valorizando a oportunidade/chance de pautarem suas escolhas para suas vidas em valores, conhecimentos e posicionamentos, que sonhamos ver fortalecidos em nossos filhos... É oferecer um horizonte a se alcançar, que exige um olhar curioso, mas responsável e comprometido. E por isto, seguimos até aqui, desejosos de continuar...

Por tudo isso, vem-nos a imagem da semente... A semente que a gente entrega nas mãos daqueles que, cuidando dela, ao seu modo, recolherão seus frutos e reconhecerão a colheita como resultado não só do seu próprio esforço, mas do esforço de muitos... E, assim, poderão compartilhar sua fartura...

Portanto, queridos pais, alunos, ex-alunos, mestres, funcionários das equipes pedagógica e administrativa e amigos do CSVP, após a culminância de um novo Projeto Político e Pedagógico em abril de 2015, fruto de um lindo trabalho coletivo, que contempla a essência do passado, a riqueza do presente e a promessa do futuro, convidamos todos, de todas as esferas do Colégio, a participarem conosco das próximas etapas de desenvolvimento das linhas de ação do PPP.

Inegavelmente, revela-se uma oportunidade rara e grandiosa de exercermos o nosso direito de participação, assim como de nos responsabilizarmos por aquilo em que acreditamos e que desejamos para o futuro de todos nós. Afinal, todos nós somos agentes de transformação! Cada qual, com sua contribuição singular, sem sombra de dúvidas, certamente é importante para a edificação de uma educação sempre dinâmica e para a sustentabilidade de uma comunidade vicentina pautada no amor, em constante progresso. E é certo que, através desta parceria evolutiva entre os seus membros, não somente teremos algo para ensinar, mas também teremos muito a aprender. Esperamos a todos com muita alegria! Juntem-se a nós e mãos à obra, porque merecemos todos um mundo cada vez melhor!

Angélica Gurjão Borba, Carlos Machado de Freitas, Carolina Ebel Lopes, Claudia Regina de Moura Duarte, José Carlos Matos Pereira, Letícia Rangel Tura, Silvia Braña Lopez

Rio de Janeiro, 21 de março de 2015



Bumbum paticumbum

Olha o Bloco do Ensino Médio aí, gente! Nos dois últimos tempos da sexta-feira, 13 de fevereiro, véspera do carnaval, os alunos do 9º ano do Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio puseram seu bloco na rua. Ou melhor, no pátio do colégio. Animação foi o que não faltou à galera que se enfeitou de fantasias e adereços para esquentar os tamborins. Literalmente. Com instrumentos de percussão emprestados da Sala de Música, eles contagiaram colegas, professores e funcionários entoando marchinhas, sambas enredos, além de outras músicas conhecidas da MPB, tudo em ritmo de carnaval, claro.

Encontro dos Formandos de 2014

Como vem fazendo nos últimos três anos, a Associação de Pais e Mestres promoveu e organizou mais uma vez o Encontro dos Formados do Colégio São Vicente. Desta vez a festa foi dos estudantes que concluíram o Ensino Médio em 2014. Na tarde de sábado, 11 de abril, pouco mais de 80 ex-alunos (dos 93 que se formaram ano passado) estiveram juntos no pátio do colégio relembrando seus melhores momentos de vida escolar. A ideia do evento é acompanhar a trajetória dos nossos meninos e nossas meninas, criar um canal de comunicação e manter um vínculo entre eles e o colégio. Repetindo a tradição, as mesas de pingue-pongue serviram de palco para quem quisesse mostrar seu talento musical, como nos bons e velhos saraus do São Vicente. Rolou de tudo – samba, pop, funk, MPB, regado a refrigerante, cerveja e, claro, o tradicional churrasco, sem falar no bolo, que nunca pode faltar nas festas do colégio. O fecho de ouro foi a inauguração da placa da “Cápsula do Tempo”, no local onde no ano passado foram enterradas as mensagens escritas pelos alunos, para serem abertas dez anos depois. Um registro importante da passagem de cada um pelo Colégio São Vicente de Paulo.





Cercado de alunos do Fundamental no pátio, Pe. Maurício comanda o parabéns do aniversário

Parabéns, Colégio São Vicente!

Uma conversa com as turmas sobre o Colégio, sua filosofia e seus caminhos até 2015 marcaram as comemorações de aniversário dos 56 anos do CSVP, nos dias 26 e 27 de março. Na hora do recreio desceram todos para o pátio – alunos, funcionários e professores para um lanche coletivo e uma grande confraternização festiva. O menu foi cachorro-quente, sucos, mate e o tradicional bolo do parabéns. A registrar o pedido de alguns presentes para que o cardápio das comemorações de 2016 contemple também aqueles que não comem salsicha – os vegetarianos, grupo que cresce a cada ano. No sábado, 28, a festa do aniversário foi no ginásio com todos animados e curtindo o momento. Houve a celebração com a apresentação dos símbolos que representam cada segmento da escola, seguida da posse da diretoria da Associação de Pais e Mestres (APM) para o biênio 2015-2016. Por fim, a apresentação dos talentos musicais do São Vicente – funcionários e professores. Um show!

Copa de Futsal

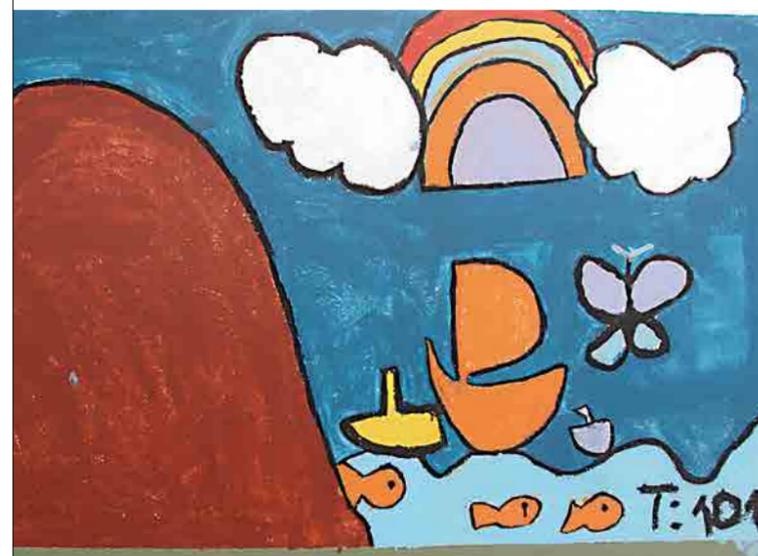
Aconteceu no ano passado, mas *A Chama* não pode deixar de registrar, mesmo com atraso: os dois times do Colégio São Vicente de Paulo foram os campeões – entre as seis escolas participantes! – da Copa de Futsal, realizada na Escola Alemã Corcovado, no dia 31 de outubro. Os times são formados por dois grupos de alunos de idades diferentes – um de crianças até 12 anos e o outro, de adolescentes, sob a coordenação do professor Paulo, de Educação Física. Parabéns ao empenho e ao sucesso dos meninos, do professor e do colégio! Dá-lhes, São Vicente!



Tiago Peixoto (hoje na T 702) com a taça na mão e o time campeão da Copa de Futsal, com o professor Paulo

450 anos do Rio

Praia, Pão de Açúcar, Corcovado, Arcos da Lapa, Maracanã e também o prédio do São Vicente foram pintados nos muros do colégio, pelos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, para comemorar os 450 anos da Cidade do Rio de Janeiro. A atividade aconteceu no sábado, dia 14 de março, mas desde o início do ano letivo, em fevereiro, as crianças vêm trabalhando em sala de aula o aniversário da nossa cidade, vendo fotos, conversando e desenhando seus locais preferidos. Depois, com a ajuda e supervisão dos professores, fizeram um revezamento e reproduziram seus desenhos nos muros (vejam ao lado). Uma linda homenagem à Cidade Maravilhosa!



II CONCURSO FOTOGRAFICO PE. LAURO PALÚ

CATEGORIAS

ENSINO FUNDAMENTAL I
ENSINO FUNDAMENTAL II
ENSINO MÉDIO E EJA

INSCRIÇÕES DE 13 DE ABRIL
A 15 DE MAIO



TEMA LIVRE

FOTOS FEITAS SOMENTE NO COLÉGIO

3 PRÊMIOS POR CATEGORIA

VALES-PRESENTES DA LIVRARIA SARAIVA

R\$650 / R\$ 450 / R\$ 350 POR CATEGORIA

+

MAIS UMA CÂMERA NIKON COOLPIX L820
PARA A FOTO MAIS "CURTIDA" NA PÁGINA DO
CONCURSO NO FACEBOOK



EXPOSIÇÃO DAS FOTOS VENCEDORAS NA FEIRA DAS LINGUAGENS, NO DIA 30 DE MAIO



ORGANIZADO PELA
ASSOCIAÇÃO DE
PAIS E MESTRES



COLÉGIO
SÃO VICENTE DE PAULO